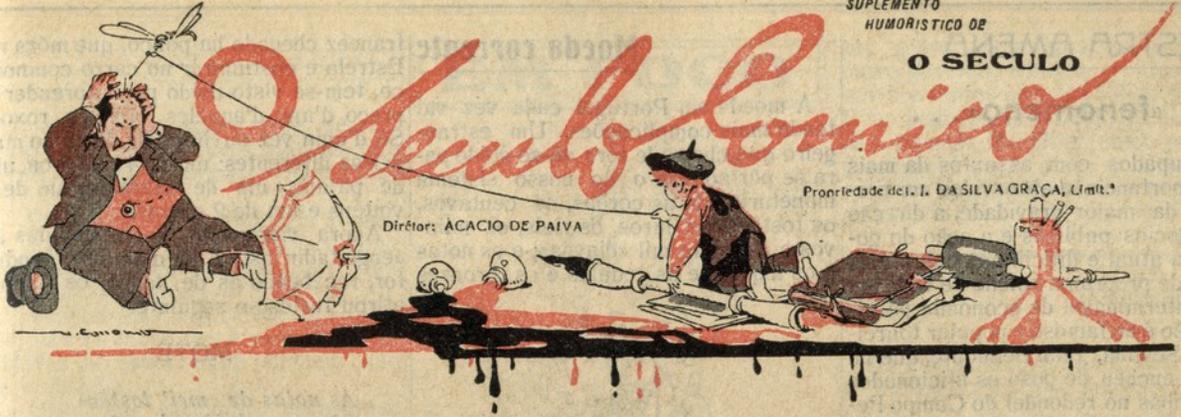


SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA GRAÇA, Lmt.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

ECCE HOMO



Nem já ha correspondencia!
 Mas afinal o que é isto?
 Tenho de ter paciencia,
 Que mais sofreu Jesus Cristo...

PALESTRA AMENA

O «fenomeno»...

Preocupados com assuntos da mais alta importancia e absorvidos em problemas da maior gravidade, a direção dos negocios publicos e a ação do governo na atual e difficilima conjuntura, especie de programa solene de todo um curso interminavel de economia politica—não é ao famoso e popular toureiro de Sevilha, Juan Belmonte, que ha pouco encheu de goso os aficionados alfacinhas no redondel do Campo Pequeno, que pretendemos hoje fazer referencia, por muito que nos apaixonemos e entusiasme a arte violenta e arrebatadora dos Romeros, de Cúchares e *Pepe-Illo*. O fenomeno não é Belmonte. O verdadeiro fenomeno é—quem o havia de dizer?—o autentico, rigido e nunca assás falado sr. ministro do interior. Fenomeno, não apenas porque, de qualquer modo, impressiona a nossa sensibilidade. Fenomeno, porque é, efetivamente, uma maravilha, uma coisa rara e surpreendente. Dir-nos-hão para que vem agora esse epiteto exageradissimo com destino a uma pessoa tão modesta, tão serena, tão prosaica e tão caracteristicamente ordinaria—ordinaria no sentido de comum, vulgar trivial, entendase. Pela energia, rigor e intransigencia feroz com que tem reprimido o jogo... até ás portas de Algés, inclusivé? Pela orientação espirital que tem imprimido á inocente e combatida Censura Prévia? Por aquela idéa, que ao Diabo não lembrou, de falar em *apreensões*, numa epoca em que anda tudo o mais *apreensivo* que é possível? Porque conseguiu esta coisa inconcebível: ser mais teimoso ainda que o seu guia, chefe, inspirador e amigo Afonso Costa? Fenomeno, só por isso?! Não são esses, de modo algum, por mais valiosos e brilhantes, titulos suficientes para tão excepcional e por muitos motivos justa classificação...

* * *

O sr. Almeida Ribeiro consegue realisar isto, n'um paiz onde é já logar comum dizer-se que lava a crise da incompetencia: ser competente para tudo. E' ele o unico portuguez com qualidades para assumir a gerencia de todas as pastas, depois de alcandorado subitamente á presidencia interina do ministerio. Já, em tempo que não vão distantes, o velho general Pimenta de Castro—álaiade homem dos sete instrumentos—tinha pensado bater esse *record*, assumindo a direção de todas as secretarias, mas isso não passou de uma ligeira *partida* do impenitente *blagueur*, só com o intuito propositado de arrelviar os democraticos e a *Formiga branca*. Pelo que respeita ao sr. Almeida Ribeiro—o caso é outro. O sr. ministro do interior não é para graças. Tem merito e talento—já não cui'lamos de saber se tem tempo—para dirigir todos os ministerios. O sr. Afonso Costa, num dia de boa disposição de espirito, chegou mesmo a chamal o a «genuina encarnação do poder executivo». As-

Moeda corrente

A moeda em Portugal cada vez vai tendo mais complicações. Um estrangeiro que chega de fóra vê-se doido para se pôr ao fac'o do nosso sistema monetario. Ha as corôas, os centavos, os tostões, os duros, os riais, os milavos e os trinta mil «diavos»; e as notas e os niqueis e as cédulas e os bronzes



e as pratas e os cobses. Já ha corôas da república e centavos riais... que são os autenticos. Com a confusão já ha quem diga patacos... acentavados! E um

sim: o sr. Almeida Ribeiro é presidente do ministerio—porque o proprietario da cadeira se encontra licenciado. O sr. Ribeiro é ministro das firanças, o sr. Ribeiro é ministro da justiça, o sr. Ribeiro é ministro da instrução, e o sr. Ribeiro só não é ainda ministro do trabalho e do fomento, porque os respetivos titulares não são de qualidade a irem para as aguas curar os seus achaques ou para o campo refrescar os pulmões de ar puro e saudavel. Temos, pois, o sr. Almeida Ribeiro erudito, tal a multiplicidade de conhecimentos que precisa abranger para dar leis em assuntos de indole tão variada e complexa. Temos, pois, o sr. Almeida Ribeiro—fenomeno!

* * *

São hoje, e foram sempre, extremamente raros os homens desta tempera. Onde ha ahí—por mais que o procurem de norte a sul do país—um homem com envergadura de estadista e autoridade suficiente para presidir a um gabinete, sendo, ao mesmo tempo, uma pessoa com conhecimentos profundos de politica geral, um financeiro de indubitavel valor, um jurisconsulto de larga pratica, um pedagogo de comprovado merito e, muito provavelmente, uma autoridade em materia economica, uma competencia em assuntos de fomento e um *non plus ultra* em tecnica militar e em sciencia da guerra? Podiam andar com uma candeia por esse país fóra que, de certeza, não encontravam nenhum com todos estes predicados—especie de ministro de Estado para todo o serviço. Ha, porém, quem refute as qualidades do sr. Almeida Ribeiro e diga que ele é o que vulgarmente se chama *pau para toda a obra*, mas sem preparação alguma para cometimentos de tão elevada im-

portancia. Intrigas da opposição. Para nós, o sr. Almeida Ribeiro não pode deixar de ser—um fenomeno! E, já que falamos em intrigas, sempre queremos, deixar aqui anotada esta singular opinião que ouvimos a um dem ocratico tudo quanto ha de mais *fixe*:

—Você admira-se do Almeida Ribeiro estar gerindo cinco pastas? Não percebeu ainda? Isto é um processo do Afonso para o castigar, para o entalar, para o inutilizar, homem de Deus! Jurou que o sr. ministro do interior lh'as havia de pagar e não esteve com meias medidas: entregou-lhe cinco pastas e foi-se na paz do Senhor. Espere-lhe agora pela pancada!

X.

Olé! Olé!

Ao tomarem conta das repartições, os empregados dos correios encontram as cartas violadas, os registos violados, as encomendas violadas!



Final parece que os encarregados de guardar o edificio não guardaram nada. Foram para lá tocar vio a...

Distração

EM FOCO

O sr. Shapp lembrou-se de repente de calçar as luvas brancas, que ao sair de casa tinha metido na algibeira.

—Visto que vou casar d'aqui a pouco, disse ele com os seus botões, devo respeitar os usos consagrados e calçar as luvas brancas.

Procurou nas algibeiras do casaco, não as encontrou e passou ás algibeiras da casaca, onde também não foi mais feliz.

—Ora esta! exclamou, esqueci-me das luvas.

Maldita cabeça a minha! Emfim, deixa-lo. Caso sem luvas.

Foi olhando para as lojas, a vêr se encontrava alguma luvaria e viu, no passeio fronteiro, um velho amigo, que o cumprimentava affectuosamente. Levou a mão ao chapéu, ergue-lo um nadinha e tornar a coloca-lo no seu logar, foi para o sr. Shapp obra de meio segundo.

Mas esse meio segundo bastou para ele vêr que a sua mão direita apresentava externamente uma tal brancura e uma tal macieza que certamente não era a sua propria pele que a revestia.

—Que pateta! exclamou ele, satisfeitissimo. Tenho as luvas calçadas e estive a procura-las nas algibeiras! Bom: não me esqueci das luvas, logo não sou tão distraído como os meus amigos dizem.

E saltitando, todo contente, atravessou a praça e continuou a caminhar em direção ao rio.

Do lado de lá da ponte avistava-se a rua onde uma longa fila de trens indicava acontecimento de monta, o qual era o casamento do sr. Shapp.

—Até que emfim, pensou ele, agora não ha nada que possa desmanchar a minha felicidade. E lembrar-me eu de que ninguém acreditava que eu me viesse a casar, por causa das minhas distrações! Ora agora venham para cá dizer d'essas! Daqui a uns dez minutos...

E assim cogitando, com ares de triunfador, entrou na ponte, onde, encostado ao parapeito se encontrava um velhote que estava distribuindo prospêtos.

Como a ventura não cegava tanto o sr. Shapp que lhe fizesse embotar os seus excelentes sentimentos, dignou-se aceitar um dos prospêtos do velho, dizendo com os seus botões:

—Naturalmente ganha um tanto por cada mil que distribue. Ajudemos este pobre homem a ganhar a vida.

Lançou os olhos ao prospeto e reparando que era um réclame qualquer, sem a menor importancia, amachou-o, repetindo em voz baixa:

—Ora vamos lá a vêr se sou ou não distraído!

E colocando o amarrotado prospeto, com todo o cuidado, no parapeito da ponte—atirou-se ao rio, de cabeça para baixo.



Ao Acacio de Paiva

*O diretor 'stá ausente,
E, por isso, a rapaziada
Vê-se um pouco atrapalhada
P'ra dar tanto expediente...*

*Faz-se o verso de repente
Sem ter pretensões nem nada,
Porque o Mestre em versalhada,
E' ele — e não a gente ..*

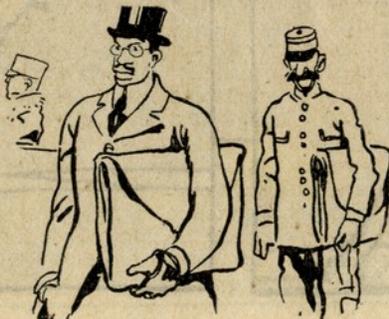
*Sem arte, nem côr nem brilho,
Vai assim um sonetinho
Que é fraco, mas é mais breve...*

*Desculpa não ser mais forte,
E vá lá que andas com sorte
Em não nos pôrmos em grêve...*

Branco e Negro.

A arte das profissões

Quando rebentou a grêve da agua foi para o Arco das Aguas Livres tropa de engenharia e guarda republicana para fazerem andar as maquinas. As maquinas não andaram! Só os tecnicos é que sabiam. Quando surgiu a grêve dos electricos, convidaram diversos conceituados *formigas* para darem ao travão. Nem uma para a frente. Ninguem se avinha com a electricidade. Os carros paralisaram. Agora, com a grêve dos correios, foi uma divisão, foram os es-



coteiros, a I. M. P. e os elementos civis. E as cartas ficaram de escabeche a aboborar. Pois bem! Se o governo fi-

zer grêve, meia hora depois aparece outro governo, e outro, e outro, e mais outro e tantos quantos fôrem precisos. E' só pedir por b'ca. E ainda dizem que não ha nada tão difficil como governar! Cantigas! Pois se até o sr. Urbano Rodrigues está á bica para presidente do ministerio...

O triste fado

Ha dias apareceu num jornal do Porto o seguinte curioso anuncio:

Criada

*Precisa-se que saiba tocar guitarra.
Carta á posta restante—Matosinhos.
E. R.*

Levámos horas a procurar a solução do enigma. Ao principio calculámos que a guitarrada fôsse para entreter a familia quando houvesse grêve dos electricos. Afinal chegámos á conclusão de que é por causa da crise das subsistencias... A criada faz para o jantar uma feijoada com couve e depois toca-lhe o fado de Robles, para a sobremesa, O



feijão assim digere-se melhor porque vai com acompanhamento. E em dia de anos, o sol-e-dô, naturalmente, mete pifano e arroz doce...

Bocage e os medicos

(Continuação)

XXXVIII

Tinha uma dôr muito aguda
Um homem. Veiu um doutor
E disse:—Com tres regrinhas
O livro já d'essa dôr.

Corre a lançar mão da pena
Eis diz o enfermo, a tremer:
—Ai, nada, senhor doutor,
Antes penar que morrer!

XXXIX

Certo Averno quiz no prelo
Vêr seus aforismos juntos.
Poz-lhes o editor singelo:
"Arte de fazer defuntos."

(Conti *meu*).

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

11.ª PARTE

O COMBOIO N.º 6

2.º EPISÓDIO

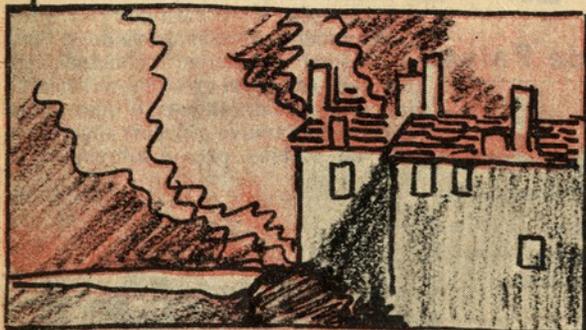
(CONTINUAÇÃO)



1.—Manecas inventa umas lentes para deitar fogo ao covil do *Homens dos Olhos Tortos*.



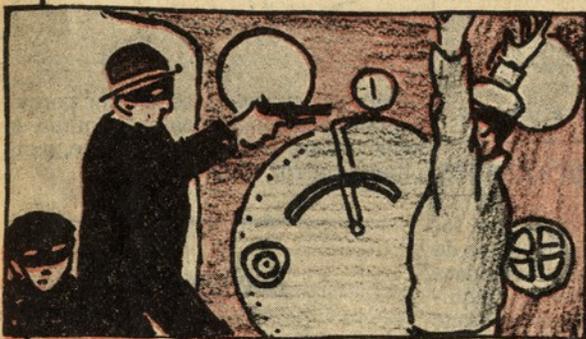
2.—Vê, por um oculo, o efeito produzido pelo incendio.



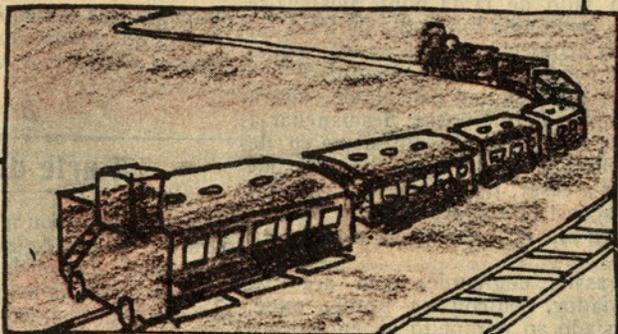
3.—Emquanto vae ardendo a casa,



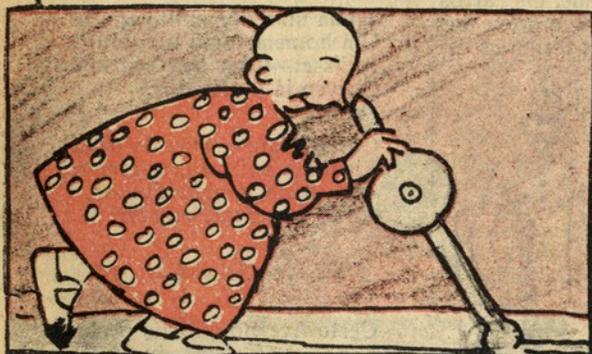
4.—os malfeteiros teem tempo de fugir.



5.—Fazem parar um comboio e entram para a maquina,



6.—obrigando o maquinista a tomar por outra linha, para assim despistarem o Manecas.



7.—Mas o Manecas muda a agulha...



8.—Fica, porém, horrorizado ao vêr que outro comboio marcha em sent'ido contrario pela mesma linha!...

(Continua)